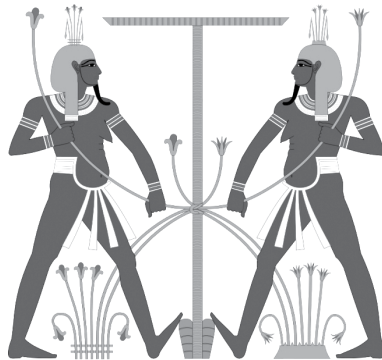


# Hapi

Revista da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto

Director:  
**Telo Ferreira Canhão**

Número 2



Lisboa, Novembro de 2014



# As colunas egípcias

**José das Candeias Sales**

Universidade Aberta, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
sales@uab.pt

**Resumo:** As colunas são dos mais característicos elementos da arquitectura religiosa egípcia. Não obstante, o tratamento da temática não é consensual entre os estudiosos e há, por vezes, diferentes tipologias em confronto.

Neste texto, tendo presente a conceptualização inerente ao templo egípcio, procuramos passar em revista as características técnico-funcionais e simbólicas daqueles que consideramos os tipos mais importantes de colunas egípcias, estabelecendo as suas cronologias de aparecimento e uso, bem como os principais locais de utilização.

**Palavras-chave:** arquitectura, capitéis, colunas, simbolismo, templo.

**Abstract:** *Columns are one of the most important features of Egyptian religious architecture. Although, among scholars the treatment of the theme is not consensual and sometimes different typologies are presented.*

*In this paper, keeping in mind the conceptualization of the Egyptian temple, we seek to evaluate the technical, functional and symbolic features of those we consider the most important types of Egyptian columns, establishing their chronology of arising and use, as well as the main place of practice.*

**Keywords:** *architecture, capitals, columns, symbolism, temple.*

«In the world of giant metaphors which was the Egyptian temple, each element in the overall architectural programme played a role in symbolizing some aspect of the origins and function of the cosmos itself.»

R. H. Wilkinson

*The complete temples of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 2000, p. 76.

As colunas são o elemento central da estrutura arquitectónica e do simbolismo funcional dos templos egípcios. Esta simples mas significativa conclusão que a moderna historiografia consagrou, surge já subjacente às primeiras descrições interessadas da realidade monumental e patrimonial egípcia. De facto, no final do século XVIII, por exemplo, ao descrever a ilha de Filae, no capítulo I da célebre *Description de l'Égypte*, Michel-Ange Lancret (1774-1807) teoriza sobre a estrutura do templo egípcio escrevendo: «Um templo egípcio é, geralmente, composto por duas partes principais: o templo propriamente dito, que é mais comprido do que largo, com várias salas interiores; o pórtico, mais elevado e mais largo do que o templo, suportado por colunas e delimitado lateralmente por paredes. Estas duas partes são tão distintas que se poderia destruir a segunda sem danificar a primeira, ficando esta com a sua fachada completa, que forma um edifício avançado em relação à parede do pórtico. Mas, à excepção dessa semelhança geral, todos os templos do Egipto diferem uns dos outros, não apenas pelo seu tamanho, mas também pelas suas divisões interiores, pela disposição dos pórticos, pelas proporções, pelo número de colunas, pelos ornamentos, etc; por vezes, também (...) os pequenos templos são rodeados por uma galeria e o seu aspecto exterior é muito diferente do de outros»<sup>1</sup>.

A alusão às colunas como elemento essencial e característico do templo egípcio aqui expressa é complementarmente documentada e ilustrada em profusão nos vários volumes da *Description* através de inúmeras pranchas, esquemas e detalhes dos pórticos, das bases, dos fustes e, sobretudo, dos capitéis dos vários tipos de colunas encontrados nos vários locais arqueológicos visitados pelos cientistas da expedição de Napoleão Bonaparte<sup>2</sup>.

Também as notas e os comentários deixados por Vivant Denon (1747-1825) em *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte* conferem particular atenção às colunas como marcas incontornáveis na paisagem egípcia, quais testemunhos dos monumentos e tempos passados, confirmando, assim, a atenção dispensada pelos estudiosos franceses a esse elemento da arquitectura egípcia. Ao relatar os despojos visíveis nas ruínas da antiga Oxirincos, Denon escreve: «Da sua anterior existência restam apenas alguns fragmentos de colunas de pedra, de colunas

1 - *Description de l'Égypte ou recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*, 2ª ed., Tome Premier – Antiquités-Descriptions, Paris: Imprimerie de C.L.F. Panckoucke, 1821, § V, pp. 55, 56.

2 - Sobre os monumentos de Filae: vol. I, pls. 7, 8, 18, 21, 26; de Kom Ombo: vol. I, pl. 42; de Edfu: vol. I, pl. 60; de Esna: vol. I, pls. 75-78; de Latópolis: vol. I, pl. 86; do Ramesseum: vol. II, pl. 30; de Gurna: vol. II, pl. 41; de Karnak: vol. III, pl. 30; de Dendera: vol. IV, pl. 12; de Hermópolis Magna: vol. IV, pl. 52; no Delta (perto de Sebenitos): vol. V, pl. 30; de Alexandria: vol. V, pl. 36 (Cf. *Description de l'Égypte*, Colónia: Benedikt Taschen, 1994, pp. 50, 51; 62, 63; 66; 71; 86, 87; 111; 128-131; 140; 199; 211; 317; 387; 436; 491; 500).

de mármore nas mesquitas e por fim uma coluna de pé com o seu capitel e uma parte do seu entablamento, que indicam que este fragmento fazia parte do ângulo de um pórtico compósito»<sup>3</sup>. Na visita a El-Minia, as «belas colunas» voltam a merecer referência de destaque, sugerindo a sua pertença a um antigo templo faraónico: «Ao meio-dia, chegámos a Minya, cidade grande e bonita, onde havia outrora um templo de Anúbis. Não encontrei quaisquer ruínas, mas sim belas colunas de granito na grande mesquita, colunas bem fuseladas com um astrágalo muito fino; fariam parte do templo de Anúbis?»<sup>4</sup>

Os imponentes restos das colunas de edifícios das antigas cidades de Hermópolis e de Hieracômpolis mereceram igualmente a atenção do pintor, arqueólogo e diplomata francês: «(...) os capitéis, que parecem pesados, as bases subdivididas que ficam bizarras no desenho, possuem pelo seu volume qualquer coisa de imponente que cala a crítica: aqui não se ousa adoptar nem rejeitar; mas o que se deve admirar é a beleza das linhas, a perfeição do conjunto, o emprego dos ornamentos, que são muito ricos de perto, sem lesar a simplicidade que produz o grande»<sup>5</sup>; «(...) as ruínas de Hieracômpolis, que consistem nos restos de uma porta de um edifício considerável a julgar pela grossura das paredes, pela extensão dos escombros e pelo diâmetro dos capitéis gastos que encontramos espalhados pelo chão, aqui e ali; o tipo de grés com que foi construído o templo de Hieracômpolis é tão friável que o edifício não conservou nenhuma forma e os detalhes perderam-se.»<sup>6</sup>

A conservação, elegância e perfeição das colunas de Esna não foram também indiferentes à observação e à sensibilidade de V. Denon. Antes pelo contrário, o autor francês tece-lhes rasgados elogios, testemunhando a particular atracção exercida por estes elementos arquitectónicos: «o pórtico está muito bem conservado e é de uma grande riqueza em escultura. É composto por dezoito colunas com capitéis alargados; estas colunas são esbeltas «e parecem-me tão elegantes como nobres, embora não possamos julgar o seu efeito senão da maneira mais desfavorável à arquitectura; (...); os capitéis, embora quase todos diferentes, têm um belo efeito e, o que poderia juntar-se à prova que os Egípcios nada pediram emprestado a outros países, eles colocaram em todos os ornamentos com que estes capitéis são compostos as produções do seu país, tal como o lótus, a palmeira, a videira, o junco, etc., etc.»<sup>7</sup>; «Fui despedir-me do pórtico de Esna, do fragmento mais puro da arquitectura egípcia e, ousou dizê-lo, de um dos monumentos mais perfeitos da antiguidade; desenhei as variedades dos seus capitéis e uma parte dos signos do seu tecto; procurei com cuidado e fiquei surpreso de não encontrar qualquer representação do peixe Latus, que deu nome à cidade.»<sup>8</sup>

O mesmo se passa com a descrição dos pórticos e colunatas de Filae: «Estas ruínas consistem num pequeno santuário, precedido por um pórtico de quatro colunas com capitéis

3 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte pendant les campagnes de Bonaparte en 1798 et 1799 par Vivant Denon, et les savants attachés à l'expédition des français*, Londres, 1817, p.143.

4 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, pp. 145, 146.

5 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 148.

6 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 196.

7 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 195.

8 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 313.

muito elegantes, ao qual foi acrescentado posteriormente um outro pórtico que sustinha sem dúvida a circunvalação do templo»<sup>9</sup>; «As colunas que compõem o seu recinto e que só estão expostas até metade da sua altura só possuem um entablamento e uma cornija sem tecto nem terraço; era aberto por apenas duas portas sem cimalthas que o atravessavam no comprimento. Erguido sem dúvida na última época do poderio egípcio, a arte manifesta-se aí na sua última pureza; os capitéis são de uma beleza e de uma execução admiráveis, as volutas e as folhas escavadas como no bom tempo da Grécia, simetricamente diversificadas como em Apolinópolis, quer dizer, diferentes entre si e semelhantes com as suas correspondentes e todas submetidas à mesma comparação.»<sup>10</sup>

Os comentários tecidos aos complexos de Kom Ombo, de Karnak e de Luxor elegem também as colunas como principal tópico de análise: «Se todos os fragmentos que aí vemos [Kom Ombo] pertencessem, como parece, a um só edifício, ele seria imenso. No centro está um grande pórtico com colunas de capitéis alargados, de uma grande proporção; na parte sul, uma porta está conservada por inteiro (...); a norte, na mesma direcção, vêem-se os restos de um templo ou galeria, de proporção menor, com colunas e capitéis à frente»<sup>11</sup>; «É preciso que o leitor lance os olhos sobre este plano, que se diz que das cem colunas do único pórtico deste templo [Karnak] as mais pequenas têm sete pés de diâmetro e as maiores onze; que o recinto da circunvalação continha lagos e montanhas; que as avenidas de esfinges iam dar às portas dessa circunvalação»<sup>12</sup>; «[Luxor] o que tem de mais colossal são catorze colunas com dez pés de diâmetro e, na sua primeira porta, duas figuras em granito, enterradas até metade dos seus braços, diante das quais estão os dois maiores obeliscos conhecidos e melhor conservados.»<sup>13</sup>

Em Dendera, inevitavelmente, a atenção de Denon volta a ser convocada pelos extraordinários exemplares das colunas do muro intercolunar exterior e do interior da sala hipostila, embora, sabemos hoje, trocando a deusa Hathor por Ísis: «A Terra está representada em todo o lado pela figura de Ísis; era a divindade de todos os templos de Dendera, porque encontramos o seu símbolo em todo o lado: a sua cabeça serve de capitel às colunas do pórtico e da primeira câmara do grande templo.»<sup>14</sup>

Cerca de meio século depois, também Émile Prisse d'Avennes (1807-1879), no seu *Atlas de l'histoire de l'art égyptien*, consagrou numerosos esboços, desenhos e pinturas, a preto e branco ou a cores, ao tratamento das diversas colunas dos monumentos faraónicos, no fundo reconhecendo e testemunhando igualmente a importância deste elemento na antiga arquitectura egípcia<sup>15</sup>.

9 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 220.

10 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, pp. 221, 222.

11 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, pp. 227, 228.

12 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, pp. 258, 259.

13 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 259.

14 - V. DENON, *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, p. 281.

15 - A obra de Prisse d'Avennes foi publicada, em dois volumes, em Paris, pela A. Bertrand, entre 1868 e 1878, e resultava dos seus dois longos períodos de estadia no Egipto, entre 1827 e 1844 e depois entre 1858 e 1860. Tinha o título completo de *Atlas de l'Histoire de l'art égyptien, d'après les monuments, depuis le temps les plus reculés jusqu'à*

Estes exemplos são suficientes para demonstrar que, muito cedo, no âmbito das descrições dos homens de Oitocentos e Novecentos, a coluna dos templos egípcios captou todas as atenções e foi alvo de particulares referências, embora sempre de carácter mais genérico que específico. Não surge, ainda, esboçada qualquer diferenciação ou tipologia que permita perceber exactamente perante que colunas nos encontramos ou se, por exemplo, num mesmo edifício existia apenas um tipo de colunas ou se podiam coexistir diferentes tipos. Percepciona-se, porém, que há subjacente a essas diferentes referências uma tipologia distinta, com as suas características próprias, identificadoras e distintas, que importa, por isso, apreender e, sobretudo, sistematizar.

### O templo egípcio: tradução arquitectónica de conceitos

A integral e adequada percepção da importância material e simbólica da coluna nas edificações egípcias, particularmente nas de cariz religioso, depende, desde logo, do estabelecimento de uma premissa base: no antigo Egipto, o templo não era um lugar de oração e de recolhimento espiritual para uma comunidade de fiéis e devotos, como uma catedral, uma mesquita ou uma sinagoga. O templo egípcio era, por definição, um lugar fechado, a que teoricamente só acedia o rei e, por sua delegação litúrgica, um conjunto de habilitados técnicos do culto, rigorosamente seleccionado, cuja função era, antes de mais, cuidar da divindade tutelar do templo e dos seus acólitos divinos, ajudando-os assim a salvaguardar os deuses e os homens e a manter a coesão do cosmos<sup>16</sup>. O templo egípcio é, por isso, «a morada do deus», em egípcio *hut-netjer*, conceito que esteve sempre presente na arquitectura religiosa egípcia de todos os tempos faraónicos<sup>17</sup>.

Esta «habitação divina» estava, contudo, constantemente ameaçada pelas forças do caos, relativamente afastadas mas sempre presentes (razão pela qual o deus estava alojado no lugar mais recôndito do templo, em obscuridade total, protegido por sucessivas salas de acesso limitado ou reservado), cujo domínio e controlo estava justamente dependente da acção do deus do templo em prol da preservação da ordem cósmica. Há toda uma simbologia associada ao templo egípcio e aos seus elementos que deriva das próprias concepções mentais que os antigos Egípcios perfilhavam, designadamente em

---

*la domination romaine*. O volume de ilustração congregava 160 pranchas em cromolitografia. Para a consulta dos desenhos e pinturas referentes às colunas egípcias de vários monumentos vide PRISSE D'AVENNES, *Atlas of Egyptian Art*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2000, pp. 14-27, 37, 43, 47, 49, 58-61.

16 - Cf. C. LALOUETTE, *L'Art Égyptien*, Paris: PUF, 1981, pp. 29, 38. O deus residia no templo com a sua família (usualmente, uma tríade) e, por vezes, com outros deuses que ele permitia que o rodeassem, que fizessem parte da sua corte, no santuário (*theoi synnaoi*). Todo o plano geral e as várias repartições da habitação da divindade estavam orientadas para a satisfação das necessidades do seu magno morador (Cf. J. C. SALES, *A arte egípcia. Uma arte para eternidade*, Lisboa: Universidade Aberta, 2000, p. 27; J. ASSMANN, *The search for god in ancient Egypt*, Ithaca, London: Cornell University Press, 2001, p. 36).

17 - Cf. J. MÁLEK, *Egyptian Art*, London: Phaidon, 1999, p. 216; R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 2000, p. 7.

relação com os mitos da criação, e que interfere, logicamente, com as estruturas, com os materiais de construção e com as funções que lhes associaram. Para Richard Wilkinson é claro que «para lá da pedra física dos templos do Egípto, podemos sentir muito da natureza simbólica dessas estruturas, a razão mais profunda para a sua construção»<sup>18</sup>. O templo egípcio é uma metáfora petrificada do mito da criação<sup>19</sup>. Como defende Marie-Ange Bonhême, «Pela sua concepção e pela sua decoração, os templos são rituais petrificados, a transposição arquitectónica dos conceitos antagónicos de entropia e de neguentropia, e são eficazes mesmo para lá de qualquer culto efectivo»<sup>20</sup>.

Destinado ao culto oficial, o templo é concebido como autêntica *imago mundi*: era construído no interior de uma área ampla (o *temenos*), no material de eternidade (a pedra), para durar efectivamente uma eternidade, porque os deuses eram, geralmente, eternos; a zona era delimitada por uma muralha (*sebtj*) de adobes secos ao sol (*djebet*), de dimensões por vezes imponentes, que podia rodear também outros edifícios de culto de menor importância e dimensão e uma série de outras construções anexas (armazéns, matadouros, cozinhas, habitações sacerdotais, etc.), circunscrevendo dessa forma a área profana e a área sagrada, o espaço impuro e o puro<sup>21</sup>; os dois maciços do pilone de entrada evocavam as montanhas do horizonte físico, Baku e Manu, imitando o hieróglifo do horizonte *akhet*, entre as quais se erguia diariamente o «Sol» (o deus do templo), imagem de uma criação eternamente renovada<sup>22</sup>; o pátio ao ar livre ou pátio aberto com peristilo rodeado por colunas funcionava como zona de interface entre as áreas públicas e as áreas interiores, santificadas, de acesso reservado, de domínio dos deuses<sup>23</sup>; os solos elevavam-se ligeiramente à medida que se caminhava para o interior, para o santuário (*kari*), o *sancta sanctorum*, ao mesmo tempo que os tectos baixavam e as paredes estreitavam, num desenho de linhas virtuais convergentes para o visitante/divergentes para o deus principal (estrutura em «óculo») que reenvia para a «primeira vez», para o momento em que o universo era uma massa aquosa uniforme, sem luz nem separação dos espaços<sup>24</sup>; as salas hipostilas (*uekha*) evocavam, por sua vez, o universo egípcio: as faces infe-

18 - R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 6.

19 - Cf. C. M. FARIAS, «O templo no antigo Egípto: simbolismo e iconografia», *Artis*, nº 1 (2002), p. 20.

20 - M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, Paris: PUF, 1992, p. 8.

21 - A muralha de adobes que envolvia o complexo templário, com secções alternativamente côncavas e convexas, simbolizava o muro erguido pelo demiurgo quando surgiu do Nun aquoso para se proteger das forças caóticas, embora numa dimensão mais prosaica fosse igualmente um elemento de protecção em tempos de conflitos civis ou invasões (Cf. C. M. FARIAS, «O templo no antigo Egípto», pp. 19, 20; R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, pp. 56, 57). Sobre a construção em adobes vide Cf. V. L. EMERY, «Mud-Brick» em Elizabeth Frood, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2009, pp. 1-10, on line: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz0026vj53>; V. L. EMERY «Mud-Brick Architecture» em Elizabeth Frood, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles: 2011, pp. 1-14, on line: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz0026w9hb>, e AAVV, *La Construction Pharaonique*, Paris: Éditions A. e J. Picard, 2004, pp. 104-123.

22 - O pilone era a mais distintiva característica arquitectónica das estruturas religiosas egípcias (Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 60).

23 - Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 62.

24 - A consequência mais relevante desta estrutura era o facto de que, à medida que se ia penetrando no templo,

riores das arquitraves dos tectos eram pintadas de azul como os céus e sarapintadas de constelações de estrelas amarelas, os registos inferiores das paredes eram decoradas com plantas dos pântanos, emergindo assim dos solos que simbolizavam a massa líquida do começo dos tempos. No âmbito desta concepção, as colunas eram uma espécie de pilares cósmicos<sup>25</sup>.

O espaço que envolve o templo e a pedra usada como material compõem aquilo que se designa por «espaço sintáctico», completado pelo «espaço pragmático» que é o teatro propriamente dito das operações de carácter litúrgico. Os quatro imperativos estruturais acima referidos (o progressivo abaixamento da altura dos espaços construídos, do pilone ao santuário, a suave elevação dos pavimentos, a delimitação rigorosa das sucessivas salas e muros e a diminuição progressiva da luminosidade à medida que se avança para o *kari*), nunca foram formalizados pelos antigos Egípcios, mas acabaram por se impor à arquitectura egípcia em resultado das necessidades conceptuais da liturgia. O templo é um interface entre as esferas humana e divina e um lugar de memória cultural perpetuada, que prolonga a «primeira vez» (*sep tepi*) e que a reactualiza através dos textos, dos símbolos e dos rituais<sup>26</sup>.

Cada uma das partes do templo egípcio tinha, pois, um significado bem definido e obedecia a uma ideia de carácter simbólico, repleta de conceitos e ideais cosmogónicos-metafísicos. É preciso, por isso, desde logo, olhar para o templo egípcio como uma metáfora de um universo simbólico («un monde en réduction»<sup>27</sup>, «um mundo dentro do mundo»<sup>28</sup>) ou, melhor ainda, como um microcosmos simbólico.

Tal como dos terrenos aquosos e lamacentos das margens e pântanos do Nilo se erguiam caules de plantas que, regularmente abastecidas de ricos nutrientes, se encorpavam e ganhavam robustez e altura, também dos solos das salas hipostilas se erguiam robustos «caules petrificados», evocadores simbólicos da fecundidade da terra e sustentadores materiais dos pesados tectos. Simbolizando as plantas que, no início dos tempos, tinham emergido do pântano primordial, as colunas eram hastes de plantas estilizadas e petrificadas brotando do solo e tinham apropriados terminais de ligação com os «céus» em forma de papiro, lótus ou palmeira<sup>29</sup>. A sala hipostila era uma verdadeira «floresta de pedra». As colunas egípcias talhadas em pedra dura são, pois, neste microcosmos carregado de potência mágica que é o templo egípcio, simultaneamente símbolos de um modo de pensar muito particular (plantas dos pântanos primordiais) e estruturas materiais estruturantes da arquitectura religiosa divina.

---

depois de se ter entrado pela porta monumental do pilone, passava-se da plena e pujante luz do Sol do pátio ao ar livre para a penumbra da sala hipostila e para as trevas, a escuridão cada vez mais densa, que envolviam o *sancta sanctorum* e as salas que o rodeavam (Cf. S. PERNIGOTTI, «O sacerdote», in S. Donadoni (dir.), *O Homem Egípcio*, Lisboa: Editorial Presença, 1994, pp. 120, 121).

25 - Cf. C. LALOUETTE, *L'Art Égyptien*, p. 30; S. PERNIGOTTI, «O sacerdote», pp. 120, 121; R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, pp. 65, 66.

26 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, pp. 28, 29, 67; R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 8.

27 - A expressão é de Lise Manniche; cf. L. MANNICHE, *L'Art Égyptien*, Paris: Flammarion, 1994, p. 9.

28 - R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 75.

29 - O lótus estava relacionado com a ressurreição e o papiro com a criação original, que se acreditava ter ocorrido nos pântanos de papiros primordiais (Cf. J. MÁLEK, *Egyptian Art*, p. 102).

## Tipologia

O vocabulário e a percepção com que normalmente se trabalha sobre as colunas egípcias estão profundamente arreigados ao horizonte cultural helénico e ao helenismo que, como defende Marie-Ange Bonhême, reflecte um comparatismo heteróclito e enganador<sup>30</sup>. Desde logo, é preciso questionar a helénica canónica divisão da coluna em base, fuste e capitel, quando aplicada às colunas do antigo Egipto. A coluna egípcia é, como referimos, a petrificação de um elemento vegetal (aspecto que é completamente estranho à arquitectura grega), consistindo num tronco ou feixe de troncos retirados da flora nilótica: o papiro, o lótus, a palmeira. A decoração que se desenvolve ao longo de todo o fuste desabrocha na parte mais elevada da coluna. Todo o suporte é concebido como um todo e verdadeiramente não há um fuste encimado por um capitel; só há fuste. O tratamento floral dado à parte superior da coluna está organicamente ligado ao tipo de planta do suporte cilíndrico. Sendo a decoração do topo intimamente associada ao resto do suporte, o termo «capitel», apesar de consagrado pelo uso e pela sua operacionalidade, não designa mais do que o resultado final das restantes linhas do conjunto.<sup>31</sup>

Assim, na coluna egípcia mais tradicional e típica, em vez dos seus elementos arquitectónicos constituintes, deve atender-se à repartição escalonada dos elementos vegetais traduzidos na pedra: o grupo de grossos caules, mais compactos junto do solo para melhor exprimir o potencial de crescimento da planta, o caule alongado e robusto, os «caules horizontais de atadura» que, como ligação horizontal, representam um elemento que ata e sustém o feixe de caules e, por fim, as flores, abertas ou fechadas, ou as longas palmas.

Há, porém, um caso em que a terminologia grega se justifica com toda a propriedade: a coluna hathórica, adaptação gigantesca em pedra de um instrumento musical, o sistro. O cabo do instrumento de música é o fuste e o capitel que se lhe associa é uma massa cúbica de pedra talhada com quatro rostos da deusa Hathor, em regra um em cada face.

Embora consagrado pelo uso em arqueologia egípcia, o emprego dos termos «fuste» e «capitel» deve, portanto, ser tomado no âmbito de uma considerável elasticidade semântica, como aqui faremos, e não deve nunca falar-se de «ordem papiriforme», «ordem lotiforme» ou «ordem papiriforme», como se fala, para o caso da arquitectura grega, de ordem dórica, ordem jónica ou ordem coríntia, uma vez que não existe uma relação com outros elementos arquitectónicos ou uma unidade de estilo. No Egipto, a forma de uma coluna não compromete a estrutura de um templo. Num mesmo espaço arquitectónico egípcio podem coexistir – e isso é muito frequente – colunas de vários tipos<sup>32</sup>.

Passando em revista detalhada as colunas egípcias, começemos pela base. As bases ou plin-

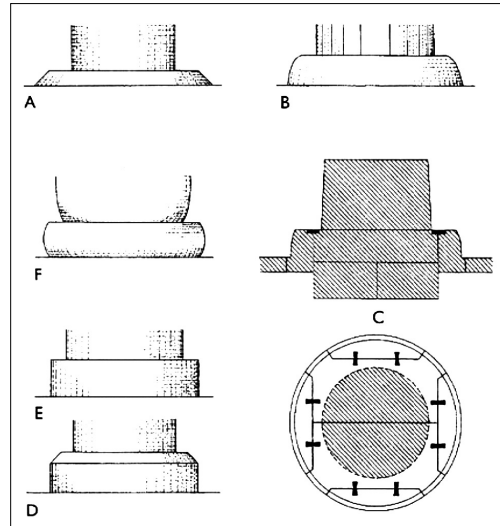
30 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, p. 11. Os termos gregos e latinos que designam os *realia* da arqueologia egípcia reflectem o imperialismo cultural de sucessivas vagas de viajantes e conquistadores que designaram as realidades estrangeiras com que contactavam com os seus habituais termos de referência (Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, p. 14).

31 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, p. 12.

32 - Cf. M.-A. BONHÊME, *L'Art Égyptien*, pp. 12, 13.

tos das colunas egípcias podem dividir-se em quatro grandes tipos, que tanto abrangem as mais baixas e largas como as mais elevadas e estreitas: I) as bases planas, com arestas angulares ou arredondadas (usadas principalmente no Império Antigo e no Império Médio em colunas e pilares multifacetados); II) as bases elevadas, arredondadas na parte superior, usadas do Império Médio ao Império Novo; III) as bases elevadas, arredondadas na parte superior e na parte inferior, como «almofadas», comuns nas colunas papiriformes do período ramsésida, muitas ostentando inscrições, e IV) as bases cilíndricas, por vezes inclinadas ou chanfradas na parte superior, como aparecem em colunas compósitas de muitos edifícios da Época Greco-romana<sup>33</sup>.

As bases das colunas egípcias são fabricadas como parte do pavimento e muitas são mesmo esculpidas como parte dos blocos do pavimento<sup>34</sup>. No caso das colunas de grandes dimensões, as bases são constituídas por vários blocos encaixados uns nos outros, sendo ainda hoje visíveis nalguns casos os grampos de união usados para a montagem dos blocos<sup>35</sup>. As bases de maiores dimensões são feitas pela conjugação de meios tambores. A superfície que constituiria o apoio da coluna propriamente dita era pontilhada, de forma mais grosseira ou fina, de maneira a constituir uma área rugosa, com atrito, tendo em vista a maior estabilidade possível para as colunas.



A) base plana de aresta angular; B) base elevada, arredondada na parte superior C) blocos encaixados e unidos com grampos; D e E) bases cilíndricas, inclinadas ou chanfradas na parte superior; F) bases elevadas «almofadas», arredondadas na parte superior e na parte inferior. (Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 55).



Base de uma coluna do pórtico do segundo pátio do Ramesseum, composta por dois meios tambores unidos por grampos e pontilhada na parte central de apoio do fuste. (Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 328).

33 - Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2003, p. 55.

34 - Cf. esquemas apresentados em AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 247 e D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 55.

35 - Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 55.

Os fustes das colunas egípcias podiam ser manufacturados de acordo com dois processos: ou de uma só peça, monolítica, de granito, extraída das pedreiras e instalada inteira no local da edificação (tal como acontecia com os obeliscos), muito habitual nos monumentos do Império Antigo<sup>36</sup>, ou, no caso daquelas que eram feitas de calcário ou de arenito, através do seccionamento em tambores ou meios tambores, unidos através de grampos, sendo a sua superfície externa só aplanada e trabalhada, de cima para baixo, após a elevação da coluna. No final, obtinha-se uma superfície que parecia ser feita numa só peça<sup>37</sup>. Enquanto as colunas monolíticas estão relacionadas essencialmente com os monumentos do Império Antigo, o segundo processo, as colunas compostas em secções, generalizou-se a partir do Império Médio, caracterizando mesmo o Império Novo e as épocas seguintes<sup>38</sup>.

São, contudo, as partes superiores das colunas egípcias, vulgo capitéis, a permitir uma classificação e distinção das colunas egípcias. Apesar de a variedade de colunas nos templos egípcios dos diferentes períodos históricos da antiga história egípcia ser muito significativa, com particular destaque para a Época Greco-romana (há autores que falam em mais de 30 tipos diferentes<sup>39</sup>), a nossa análise fixar-se-á em sete grandes tipos de colunas: papiriformes, lotiformes (ambas admitindo subtipos abertos ou fechados), palmiformes, compósitas, hathóricas, osíriacas e bésicas.

As **colunas papiriformes** representam caules simples de papiro ou em feixes, podendo a umbela, a exemplo do comportamento da planta no mundo natural (*Cyperus papyrus L.*), ser representada aberta ou fechada<sup>40</sup>. Este tipo de coluna aparece pela primeira vez como uma coluna adossada (meia coluna ligada a uma parede) na III dinastia, no complexo de Djoser, em Sakara<sup>41</sup>.

No Império Novo, a coluna papiriforme (aberta e fechada) conheceu uma enorme utilização. O caso mais célebre é, sem dúvida, o da enorme sala hipostila de Karnak (102 m x 53 m = cerca de 5400 m<sup>2</sup>), concebida por Horemheb (XVIII dinastia), iniciada por Ramsés I, edificada por Seti I e terminada e decorada por Ramsés II (XIX dinastia), com as suas 134 colunas: 122 colunas

36 - Estão nesse caso, por exemplo, as colunas de granito do templo alto de Unas (Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 328).

37 - «Os fustes das colunas e os seus capitéis permanecem assim, até à etapa do desbaste, como massas toscas apresentando, como o conjunto das paredes, irregularidades mais ou menos pronunciadas, quadriculadas por linhas de corte seguindo os traçados de assentamento ou as cinzelagens verdadeiras, dependendo das épocas. As irregularidades eram eliminadas de acordo com o traçado que marcava os tambores.» (AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 350). Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 66.

38 - Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, pp. 328, 349.

39 - Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 66.

40 - A sacralização da planta parece ter derivado justamente da sua flor que, composta de finas hastes verdes, quando aberta, lembra ou sugere os raios do Sol. A planta de papiro está hoje extinta no Egito. Há quem denomine de campaniformes as colunas papiriformes abertas (Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 54).

41 - Não se trata de um tipo comum de colunas. Serviam, sobretudo, para criar a impressão de uma fachada com colunas (Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 53).

papiriformes fechadas e 12 colunas papiriformes abertas (as mais altas, da nave central, com cerca de 23 m de altura e 2,40 m de diâmetro)<sup>42</sup>. O peso de cada coluna é estimado em 226.000 kg, sustentando arquitraves que podem pesar até 52.000 kg, o que daria na época antiga uma carga de 5.132 kg por cm<sup>2</sup>.<sup>43</sup> A presença deste «campo de papiros» faz da sala hipostila de Karnak o símbolo perfeito do pântano primordial onde, no início dos tempos, surgiram as primeiras formas de vida. A sala ajustava-se, por isso, particularmente bem às funções que lhe estavam reservadas: a coroação e a confirmação da capacidade do soberano egípcio para reinar e, assim, dar «vida» ao Duplo País.



Coluna papiriforme aberta (coluna de Taharka, pátio ao ar livre do templo de Amon, em Karnak).

---

Colunas papiriformes fechadas (pátio ao ar livre de Ramsés II, no templo de Amon, em Luxor).



42 - Cf. C. JACQ, *Karnak/Louxor*, Paris: Éditions Pygmalion, Gérard Watelet, 1990, p. 91; F. MONDERSON, *Temple of Karnak. The majestic architecture of Ancient Kemet*, Indiana: Bloomington, 2007, pp. 90, 186.

43 - Cf. C. JACQ, *Karnak/Louxor*, p. 92.

Mais tarde, na XXV dinastia, o faraó núbio Taharka construiu no pátio ao ar livre de Karnak, mesmo diante da sala hipostila, um quiosque (20,5 m de largura por 29 m comprimento) com dez colunas papiriformes abertas (duas filas de cinco colunas), de que hoje subsiste no local apenas uma, com cerca de 21 m de altura e 2,99 m de diâmetro<sup>44</sup>.

Também no templo de Amon, em Luxor, a colonata de Amenhotep III é constituída por 14 colunas papiriformes abertas, com mais de 21 m de altura, dispostas em duas linhas paralelas. Apesar de nunca ter sido concluída, a sala que se constituiria (26 m x 10 m) seria o eixo central de uma grande sala hipostila semelhante à de Karnak, onde eventualmente se colocariam também janelas clerestóricas. A obra de Amenhotep III ficou incompleta devido aos conturbados tempos amarnianos e mesmo a colonata só seria terminada por Tutankhamon, Ai e Horemheb. As paredes interiores da sala, ainda remanescentes, por trás das colunas, foram decoradas por Tutankhamon e por Horemheb, com relevos alusivos à grande festa de Opet, festa da fertilidade, que anualmente tinha lugar em Luxor, no mês de Paofi (Julho-Agosto, pelo calendário gregoriano), segundo mês da estação de Akhet.

O pátio ao ar livre acrescentado por Ramsés II ao templo de Luxor, alterando para sempre o ângulo da própria construção, está também repleto de colunas papiriformes, desta feita de umbelas fechadas. Para o visitante, que, logicamente, entra no templo pela porta do pilone, depara-se, num primeiro momento, uma colonata mais baixa, em maturação, portanto, com as umbelas ainda fechadas para, depois, encontrar papiros abertos, já em pujança plena, na colonata de Amenhotep III. O percurso nesta área do templo é um percurso pela maturação floral dos próprios papiros, tendo em consideração as colunas utilizadas pelos construtores e o efeito que provocam nos visitantes que fazem o percurso de fora para dentro do templo.

Também o templo funerário de Seti I, em Abidos, «A nobre morada dos milhões de anos do rei Menmaétré, que repousa em Abidos», edificado e decorado na XIX dinastia pelos faraós Seti I e Ramsés II, um dos mais belos monumentos da arquitectura religiosa egípcia, embora rompendo com o plano clássico dos templos egípcios não deixou de integrar na sua estrutura colunas papiriformes fechadas. A primeira sala hipostila (52 m x 11 m) tem um tecto suportado por 24 colunas papiriformes fechadas, dispostas em pares e formando vãos que conduzem aos sete santuários do templo<sup>45</sup>. A segunda sala hipostila, construída em dois níveis de altura, é constituída por 36 colunas de grés, dispostas em três filas. As duas primeiras (24 colunas no total, 12 em cada fila) são de colunas papiriformes fechadas, sendo a última composta por colunas cilíndricas sem acabamento antes dos ábacos rectangulares que as unem às arquitraves do tecto.

A sala hipostila do Ramesseum, «templo dos milhões de anos» de Ramsés II, em Tebas Ocidental, é constituída por colunas papiriformes, abertas e fechadas, consoante a álea que ocupam: a álea central para as de umbela aberta e as áleas laterais para as flores de papiro ainda fechadas.

Também no templo de Karnak, franqueado o pilone de entrada, é possível ainda en-

44 - Cf. C. JACQ, *Karnak/Louxor*, p. 85.

45 - As divindades cultuadas no templo são o próprio Seti I, Ptah de Mênfis, Ré-Horakhti, Amon-Ré, Osíris, Ísis e Hórus (Cf. D. O'CONNOR, *Abidos. Egypt's first pharaohs and the cult of Osiris*, London: Thames & Hudson, 2009, p. 45).

contrar vestígios das colunas do grande pátio ao ar livre (à direita e à esquerda), nalguns casos sem a elegância encontrada noutros espaços religiosos, que igualmente são colunas papiriformes fechadas.

No complexo de Karnak, as colunas papiriformes fechadas podem ainda ser encontradas na sala hipostila do templo de Ramsés III<sup>46</sup> e no pequeno templo dedicado pelo mesmo faraó ao deus Khonsu (colunas do pátio ao ar livre e da sala hipostila). A exemplo da grande sala hipostila do templo de Amon, em Karnak, e da potencial grande sala hipostila de Luxor, também o pequeno templo de Khonsu apresenta uma área central com colunas papiriformes abertas, repetindo, assim, o jogo de alternância entre a tipologia de colunas do eixo central e das alas laterais. Nem mesmo a configuração mais reduzida e atarracada das mesmas quebra a lógica arquitectónica dos construtores egípcios do Império Novo.

A parte sul do primeiro pátio ao ar livre do templo funerário de Ramsés III, em Medinet Habu (48 m x 35 m), entre o primeiro e o segundo pilone, que arquitectonicamente funciona como um vestíbulo do templo, está dotada de oito colunas papiriformes abertas, conservando-se em muito bom estado toda a cobertura do peristilo<sup>47</sup>. No segundo pátio, o «pátio dos festivais», mais largo do que o anterior (38 m x 42 m), as colunas papiriformes voltam a aparecer, à direita (cinco colunas) e à esquerda (quatro colunas) de quem entra no templo, mas de umbela fechada. O pórtico elevado que se segue ostenta também, atrás dos pilares rectangulares da fachada, oito colunas papiriformes fechadas (quatro de cada lado), que ainda exibem a profusa decoração pintada que receberam por volta do século XII a. C.<sup>48</sup>

As **colunas lotiformes** podem apresentar salientes nervuras que representam os caules da planta (*Nymphaea lotus L.*), podendo ser rematadas com quatro, seis ou oito botões de lótus abertos ou fechados. Assim, de acordo com esta característica, estamos perante um tipo de coluna que, como a própria planta, apresenta dois subtipos: lotiforme fechado ou lotiforme aberto<sup>49</sup>.

Apesar de os exemplos existentes na arquitectura religiosa do Império Antigo e do Império Médio e da popularidade alcançada no Império Novo (ex. colonata do pátio cerimonial de Amenhotep III, no templo de Luxor), a coluna lotiforme parece ter sido mais popular na arqui-

46 - Este templo funcionou como estação das barcas sagradas de Amon, Mut e Khonsu quando carregadas em procissão.

47 - O primeiro pátio de Medinet Habu constituía um espaço de dupla funcionalidade, na medida em que era não só o pátio aberto do templo funerário, mas também do palácio real anexo (Cf. J.C. SALES, «The smiting of the enemies scenes in the mortuary temple of Ramses III at Medinet Habu», *Oriental Studies – Journal of Oriental and Ancient History*, 1, Lisboa: 2012, p. 103).

48 - W. J. MURNAME, *United with eternity. A concise guide to the monuments of Medinet Habu*, Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1980, pp. 8, 22, 26; J. C. SALES, «The smiting of the enemies scenes in the mortuary temple of Ramses III at Medinet Habu», pp. 89, 106.

49 - As flores de lótus abriam de manhã e fechavam de novo à noite, constituindo um apelativo símbolo de renascimento ou de regeneração (Cf. R. GERMER, «Flowers», em Donald B. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Volume 1, Oxford, 2001, p. 451). O lótus azul (*Nymphaea caerulea L.*) só raramente se encontra em colunas lotiformes abertas (Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 54).



Colunas lotiformes fechadas (colunata do pátio cerimonial de Amenhotep III, no templo de Luxor).

tectura secular e residencial do que propriamente na arquitectura religiosa<sup>50</sup>. É uma coluna que se encontra, todavia, em templos da Época Greco-romana (ex. sala hipostila do templo de Ísis em Filae/Aguilkia).

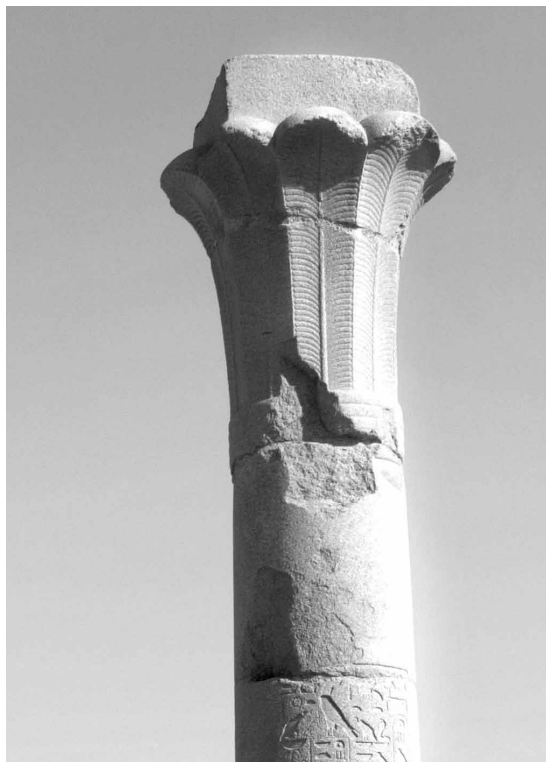
No caso do pátio cerimonial ao ar livre de Amenhotep III, em Luxor (com 48 m de comprimento por 52 m de largura), há 60 colunas lotiformes fechadas, dispostas pelos três lados do pátio, que carregam todas ainda, por cima dos respectivos ábacos, as arquivoltas do peristilo. O mesmo tipo de colunas espalha-se pelas duas salas hipostilas de Luxor (32 colunas na sala mais exterior e 12 na mais interior), pela «sala de oferendas» e pela «sala do nascimento».

Ainda no templo de Luxor, mas desta feita na área construída por Ramsés II, voltamos a encontrar colunas lotiformes fechadas na tripla capela das barcas, destinada ao repouso das barcas de Amon, Mut e Khonsu, quando chegavam ao Ipet-resit, «Harém do Sul» ou «O santuário secreto do Sul», após a procissão anual da festa de Opet proveniente do Ipet-sut, «O mais venerado dos lugares» ou «Lugar escolhido», o templo de Amon, em Karnak. Aí eram feitas oferendas de água límpida, frutos, carne, flores colhidas de fresco, incenso e «todas as coisas boas e puras» à tríade tebana. As colunas lotiformes fechadas da capela das barcas «dialogam» com as colunas papiroiformes fechadas do pátio ao ar livre de Ramsés II, testemunhando a «pacífica coexistência» num mesmo espaço sagrado de colunas de diversos tipos. Entre as 24 coloridas colunas da sala hipostila do templo de Khnum, em Esna, já numa época mais avançada da história egípcia, encontram-se também algumas lotiformes abertas<sup>51</sup>.

50 - Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 66.

51 - J. HALLOF, «Esna», em Willeke Wendrich (ed.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011, p. 4, online: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz002b2xv3>.

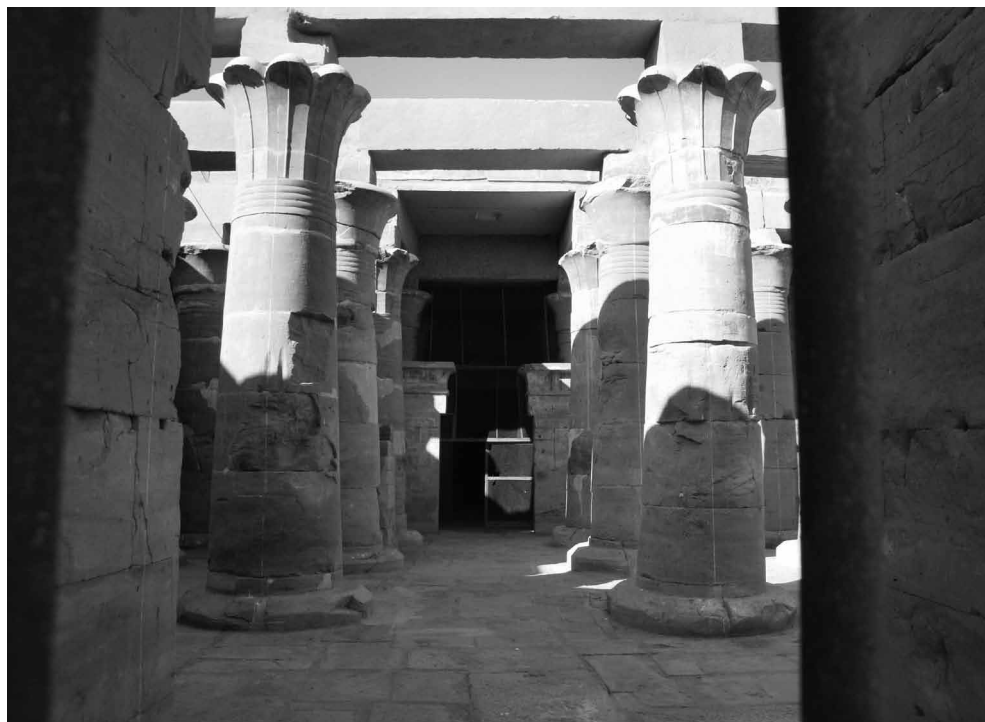
As **colunas palmiformes** não representam a totalidade da palmeira (*Phoenix dactylifera L.*), mas apenas oito altas folhas, qual tufo, muitas vezes com uma minuciosa marcação em baixo-relevo da nervura central de cada uma e dos respectivos pecíolos. Trata-se de um dos mais antigos tipos de colunas estando atestado o seu uso na arquitectura egípcia desde a V dinastia (colunas do pátio ao ar livre do templo funerário junto à pirâmide de Sahuré, em Abusir; fragmento de coluna do templo da pirâmide do faraó Djedkaré Isefi, em Sakara; coluna de granito do templo funerário de Unas, em Sakara, hoje no Museu do Louvre). No British Museum encontra-se exposta uma coluna palmiforme do reinado de Ramsés II. A maior parte das colunas de Taharka em Kaua, na Alta Núbia, eram também palmiformes. Nas ruínas de Tânis e de Tell Basta (Bubastis) encontram-se também, espalhadas pelo chão, colunas palmiformes. O templo de Hibis, o mais bem preservado



Colunas palmiformes (colunas do pátio ao ar livre do templo funerário junto à pirâmide de Sahuré, em Abusir).

---

Colunas palmiformes do templo de Hibis, no oásis de Kharga.



templo da Época Baixa, situado no oásis de El-Kharga, no deserto ocidental, fundado por Psametek II, na XXVI dinastia, apresenta também elegantes colunas palmiformes.

Muitas das colunas palmiformes dos Impérios Antigo e Médio foram reutilizadas no Delta e em mesquitas do Cairo. A partir do Império Novo, as colunas palmiformes tornaram-se mais frequentes, sendo embelezadas com novos elementos<sup>52</sup>. Da Época Greco-romana chegaram-nos alguns exemplares *in situ*: na colunata da fachada do *pronaos* do túmulo de Petosíris, em Tuna el-Guebel<sup>53</sup>; na colunata oriental e ocidental do *dromos* de acesso ao templo de Ísis em Filae/Aguilkia, na parte oriental do pátio entre os dois pilones e no interior da respectiva sala hipostila<sup>54</sup>. Também na colunata do pátio ao ar livre e no interior da sala hipostila do templo de Hórus, em Edfu, se encontram colunas palmiformes, sendo duas delas bem visíveis na própria fachada da sala, uma de cada lado, enquadradas, à direita e à esquerda, por

colunas compósitas. Nas salas hipostilas de Kom Ombo e de Esna há também colunas palmiformes, no primeiro caso hoje bem visível face à ausência de paredes laterais.

As **colunas compósitas** são características dos períodos ptolomaico e romano. O capitel destas colunas recebe um delicado trabalho de decoração, essencialmente com motivos florais, de plantas reais ou em formas inventadas. A sua variedade nos monumentos religiosos egípcios é, de facto, assinalável. Sempre abertas, e fornecendo generosas bases para, conjugadamente com os ábacos que se lhes sobrepunham, suportarem as coberturas de pedras, as colunas compósitas são reconhecidas no *pronaos* do templo-túmulo de Petosíris, em Tuna el-Guebel; nos templos da ilha de Filae/Aguilkia (sala hipostila e colunata ocidental e oriental de acesso ao templo de Ísis; parte ocidental, exterior, do *mammisi*; colunata oriental do pátio entre os dois pilo-



Colunas compósitas da sala hipostila do templo de Khnum, em Esna.

52 - Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 53.

53 - Neste templo-túmulo, as colunas palmiformes, ainda com traços de policromia, rematam, à direita e à esquerda, as quatro colunas da fachada.

54 - Tanto no pórtico ocidental (com 31 colunas de 5,10 m de altura) como no oriental (dezassete colunas) há colunas palmiformes, no caso uma em cada pórtico. Nas dez colunas da colunata oriental do pátio ao ar livre há também uma coluna palmiforme. As restantes são todas colunas compósitas (Cf. M. PETERS-DESTÉRACT, *Philae, le domaine d'Isis*, Mónaco: Éditions du Rocher, 1997, p. 148).



Colunas compósitas do *dromos* de acesso ao templo de Ísis, em Filae/Aguilkia.

Colunas compósitas do quiosque de Trajano, em Filae/Aguilkia.



nes; quiosque de Trajano; templo de Hathor), no templo de Hórus, em Edfu (sala hipostila, «sala pura», colonata do pátio ao ar livre), no de Sobek e Hor Uer, em Kom Ombo (sala hipostila), no de Khnum, em Esna, e no de Mandulis, em Kalabcha (sala hipostila e colonata do pátio ao ar livre<sup>55</sup>).

Os trasladados templos de Dendur (hoje no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque), de Debod (no Parque del Cuartel de la Montaña, em Madrid) e de Tafa norte (patente no Rijksmuseum van Oudheden, de Leiden) incorporam também colunas compósitas<sup>56</sup>.

O estado inacabado apresentado por alguns capitéis da Época Greco-romana (ex.: pórtico oriental do *dromos* de acesso ao templo de Filae) permite compreender as etapas do processo de modelagem e cinzelagem dos mesmos: do corte bruto das volutas passava-se a cortes secundários, mais rigorosos e pormenorizados, que chegavam a marcar os vários registos do capitel (até cinco), para se chegar, por fim, à definição minuciosa dos motivos florais ou vegetais (folhas, botões de flores, justaposição de umbelas em diversos estádios de desenvolvimento), pequenas volutas, efeitos geométricos, pequenos cachos de fruta, etc., que se vão sobrepondo, entrelaçando, encaixando uns nos outros. A forma característica do capitel compósito vai, verdadeiramente, surgindo pouco a pouco, etapa a etapa, sendo muito devedora da imaginação e do grau de execução técnica do escultor<sup>57</sup>.

As **colunas hathóricas** tornaram-se comuns no Império Médio e têm exemplos atestados que chegaram até nós do Império Novo (capela de Hathor no templo funerário de Hatchep-sut, em Deir el-Bahari), da Época Baixa (templo da deusa Nekhebet, em El-Kab, e pavilhão de Nakhtnebef/Nectanebo I, na parte sul da ilha de Filae/Aguilkia, precedendo a colonata ocidental, também chamado por alguns quiosque de Nectanebo<sup>58</sup>) e da Época Greco-romana da história do Egípto (sala hipostila do templo divino de Hathor, em Dendera<sup>59</sup>; sala *uabet*, «sala pura», do mesmo templo<sup>60</sup>; quiosque de Hathor no terraço também no templo de Dendera<sup>61</sup>;

55 - Apesar de a sua decoração nunca ter sido concluída, o templo de Kalabcha é um exemplo da herança da arquitectura egípcia retomada no período romano (Cf. Z. HAWASS, *The Island of Kalabcha*, Cairo: SCA Press, 2004, pp. 14, 21-25, 131-135; J. GOHARY, *Guide to the Nubian Monuments on Lake Nasser*, Cairo/New York: The American University in Cairo Press, 1998, p. 29).

56 - Cf. J. C. SALES, «Recuperação do património arquitectónico: o caso de Abu Simbel», *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III série, nº 6. Estudos do Património, Lisboa: 2005, pp. 43-47.

57 - Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 40.

58 - O edifício, rectangular, está hoje incompleto: das dezoito colunas originais só se conservam catorze. Não tem tecto, se é que alguma vez o teve, e não foi provavelmente um quiosque (Cf. E. VASSILIKA, *Ptolemaic Philae*, Leuven: Peeters, 1989, p.23; M. PETERS-DESTÉRACT, *Philae, le domaine d'Isis*, p. 83).

59 - A colonata da sala hipostila do templo de Dendera tem dezoito colunas, divididas em três filas de três colunas em cada um dos lados, a que se juntam as seis colunas da fachada, três de cada um dos lados da entrada, num total de 24 colunas.

60 - A *uabet* era uma pequena sala que dava para um pequeno espaço ao ar livre e a que se acedia por um pequeno lance de escadas, onde se realizavam os sacrifícios da festa de Ano Novo. A decoração do tecto desta sala de Dendera mostra uma enorme figura da deusa Nut, a abóbada celeste, que dá à luz, a oriente, o Sol, cujos raios brilham sobre o templo de Hathor.

61 - No terraço do templo de Hathor, no canto sudoeste, há um quiosque ou pavilhão com colunas de Hathor onde se celebrava, no festival do Ano Novo, no início da estação *de Akhet*, a união da estátua de culto da deusa Hathor,



Colunas hathóricas do *mammisi* do templo de Ísis, em Filae/Aguilkia.

*mammisi* do templo de Ísis, em Philae<sup>62</sup>; quiosque de Kertassi, hoje na ilha de Nova Kalabcha).

No essencial, as colunas hathóricas consistem num fuste de coluna encimado por um cubo com a representação do rosto humano, visto de frente, com uma farta cabeleira e orelhas de vaca, da deusa Hathor, por vezes voltado para as quatro faces, como acontece na sala hipostila de Dendera, no *mammisi* de Filae ou nos quiosques de Nectanebo I e de Kertassi<sup>63</sup>. O cubo de Hathor é a maior parte das vezes encimado por um outro cubo, sugerindo a caixa de ressonância em forma de *naos* de um sistro, o instrumento musical associado aos rituais de culto dedicados à deusa e que justifica o nome de sistroforme também atribuído a estas colunas. Por vezes, da caixa *naos* emergem uma ou duas serpentes *uraeus*<sup>64</sup>. Este cubo-sistro desempenha tecnicamente a função de ábaco, mais volumoso e elevado, constituindo um robusto apoio para as pesadas arquitraves dos tectos. Em muitos casos, a coluna hathórica surge combinada com capitéis compósitos.

---

momentaneamente retirada do interior do templo principal, com o deus-Sol Ré. O quiosque tem doze colunas hathóricas, quatro de cada lado (Cf. R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, pp. 98, 150).

62 - O *mammisi* de Filae tem sete colunas hathóricas mas só na metade oriental, a parte voltada para o interior do pátio ao ar livre. A parte ocidental, voltada para o exterior, tem também sete colunas, mas são colunas compósitas, sem qualquer decoração ou trabalho nos blocos superiores. As três colunas da parte norte têm também capitéis compósitos (Cf. E. VASSILIKA, *Ptolemaic Philae*, pp. 187-189; M. PETERS-DESTÉRACT, *Philae, le domaine d'Isis*, pp. 58, 132; H. KOCKELMANN, «Mammisi (Birth House)», em Willeke Wendrich (ed.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011, p. 4, on line: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz0026wfggr>; A. BADAWY, «The architectural symbolism of the mammisi-chapels in Egypt», *CdE* 38 (1963), pp. 78-90).

63 - A farta cabeleira de Hathor que surge nas colunas egípcias é de dois tipos: ou caída, direita, terminando de forma volumosa e arredondada, ou penteada para fora, de ambos os lados, de pontas geometricamente enroladas.

64 - Como deusa da música, Hathor tinha como emblema o sistro, nas suas duas formas: o *sekhem* (sistro arqueado) e o *sechechet* (sistro arquitectural ou sistro *naos*, composto dum pequeno *naos* enquadrado por duas espirais sobre uma cabeça ornada com duas orelhas de vaca). Apropriadamente, as colunas do seu templo em Dendera são sistros gigantescos (Cf. Ch. ZIEGLER, «Sistrum», *LÄ V*, 1984, cols. 959, 960; J.C. Sales, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999, p. 177).



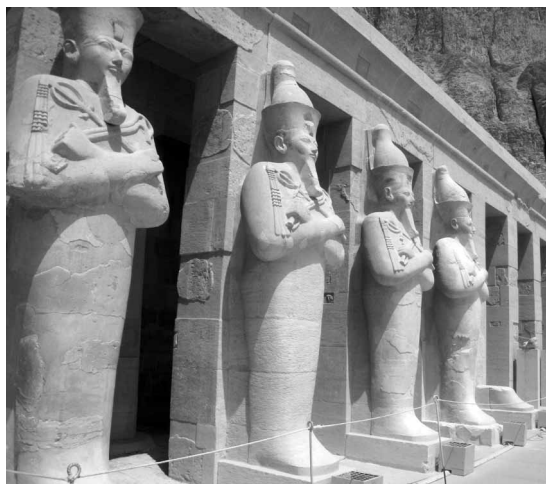
O quiosque de Kertassi onde coexistem colunas compósitas e colunas hathóricas.

No Templo Pequeno de Abu Simbel, na colina de Ibchek (Pequeno *Speos*, como também é apelidado), dedicado por Ramsés II à rainha Nefertari/à deusa Hathor, as seis colunas rectangulares da câmara hipostila (10,50 m de comprimento x 11 m de largura x 4,50 m de altura na âlea central) apresentam compreensíveis relevos do rosto de Hathor, com as típicas orelhas de vaca e cabeleira enrolada para fora (como em Deir el-Bahari), nas faces voltadas para o interior da sala (três de cada lado)<sup>65</sup>. A parte inferior, tratada em relevo a toda a altura do pilar, sugere o cabo do sistro. São um subtipo de colunas sistroformes/hathóricas.

As **colunas osiríacas** consistem, no fundo, em estátuas do faraó como Osíris, mumiforme, associadas a pilares rectangulares. Há quem lhes chame simplesmente «pilares osiríacos» ou «colossos ditos osiríacos». São colunas conseguidas através de uma técnica particular: a partir

65 - Nos pilares situados a sul (lado direito de quem entra), é a face norte dos pilares que mostra este tipo de representação, enquanto nos pilares situados a norte (lado esquerdo de quem entra) tal representação figura na face sul. Nas outras faces dos vários pilares estão representadas várias divindades do panteão egípcio: lado sul, pilar I: além de Nefertari (faces sul e este), surge Hórus de Buhen (face oeste); pilar II: Tot (face este), Maet (face sul) e Satet (face oeste); pilar III: Nefertari (face este), Hathor (face sul) e Ueret-hekau (face oeste). Lado norte, pilar I: Nefertari (face este); Ramsés (face norte) e Hórus de Miam (face oeste); pilar II: Ramsés (face este); Mut (face norte) e Hórus de Baki (face oeste); pilar III: Khnum (face este), Khonsu (face norte) e Ísis (face oeste). No total (contando com os «deuses» Ramsés e Nefertari), temos dez divindades femininas e oito divindades masculinas (Cf. J. C. SALES, «Recuperação do património arquitectónico: o caso de Abu Simbel», p. 57; M. PETERS-DESTÉRACT, *Abou Simbel, à la gloire de Ramsès*, Mónaco: Éditions du Rocher, 2003, pp. 302-310).

de um pilar dorsal quadrangular original, construído em secções, é talhada uma figura real, colossal (nalguns casos com mais de 9 m de altura), em alto-relevo, não podendo, em caso algum, ser isolada do pilar dorsal que, devidamente aparelhado, passa a constituir um pilar rectangular por detrás do colosso. Em muitos dos casos chegados até nós, é possível identificar a área de contacto da estátua com o pilar. Era, portanto, uma coluna construída, não monolítica, sendo necessário utilizar enormes massas de material lítico para literalmente construir a estátua frontal do pilar<sup>66</sup>. As colunas osíriacas não tem uma função arquitectónica explícita. Essa é cumprida pelos pilares a que surgem adossadas.



As colunas osíriacas do templo funerário de Hatchepsut, em Deir el-Bahari.

A introdução das colunas osíriacas na arquitectura egípcia data do início do Império Novo e associa-se às aspirações de eternidade dos faraós. O faraó das colunas osíriacas não está morto, mas eternizado pelos atributos da função real<sup>67</sup>. Este tipo de coluna pode ser encontrado, por exemplo, nos templos funerários de Hatchepsut, em Deir el-Bahari, de Ramsés II, em Luxor ocidental (o Ramesseum), e de Ramsés III, em Medinet Habu, bem como no Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel, e no templo de Ramsés III, em Karnak.

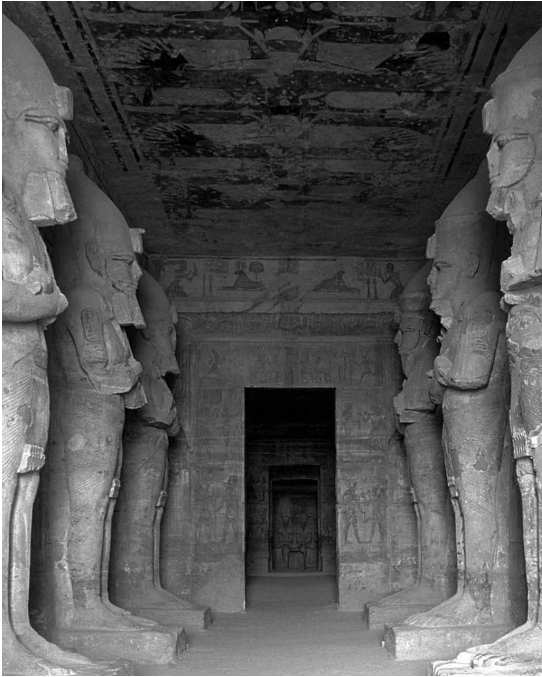
O pórtico superior do último terraço do *Djeser-djeseru*, «O Sublime dos Sublimes», o templo funerário de Hatchepsut, é composto por 24 pilares rectangulares (doze de cada lado) que exibem outras tantas estátuas frontais de Hatchepsut como Osíris. Hoje, dessas vinte e quatro colunas-estátuas de Hatchepsut osirificada (mumiforme, com a dupla coroa com *uraeus* e os ceptros *hekat* e *nekhakha*) apenas uma meia dúzia se encontra restaurada e nos ajuda a compreender o aspecto original dessa fachada.

Quem entra no primeiro pátio do templo dos milhões de anos de Ramsés III, em Medinet Habu, pode encontrar, à sua direita (a norte), sete colunas com estátuas colossais do faraó com a coroa *atef* na cabeça, de *chendjit*, de braços cruzados com os ceptros *hekat* e *nekhakha*, que estão voltadas para as oito colunas de capitéis papiriformes abertos do pórtico sul, ou seja, para a fachada do palácio<sup>68</sup>. Apesar de serem chamadas de colunas osíriacas, estas

66 - Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, p. 329.

67 - Cf. AAVV, *La Construction Pharaonique*, pp. 42, 43.

68 - Neste templo, as colunas osíriacas foram quase todas destruídas pelos Coptas. Das sete, apenas duas, relativamente bem conservadas, nos permitem uma visão próxima do que seria a impressão global desta colonata (Cf. W. J. MURNANE, *United with eternity*, p. 21). Flanqueando as estátuas reais (identificadas como «o soberano, perfeito como o rei no trono de Atum, usando a *atef* como Ré-Horakhti»), em tamanho mais reduzido, há estátuas de um príncipe e de uma princesa, sem qualquer identificação onomástica. No espelho de uma das bases destas estátuas, por sinal muito deteriorada, surge Ramsés III figurado como cartela animada, com dois braços, que



As colunas osíriacas da sala hipostila do Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel.

estátuas não representam o faraó mumiforme. Antes, o faraó, em traje de vivos, é representado como activo agente na ordem cósmica, em plena vitalidade e vigor, e estabelece-se um «mágico diálogo» com as cenas inscritas e pintadas nas colunas do pórtico sul<sup>69</sup>. Subjacentes estão, porém, as ideias de renovação do poder real e de eternidade. O segundo pátio, como já mencionámos antes, está rodeado de colunas: a norte e sul com capitéis papiroiformes e a este e oeste com dezassies estátuas do rei como Osíris mumificado, oito em cada lado. Aqui, claramente, as colunas são osíriacas e dão sustentação técnica a um pórtico fechado<sup>70</sup>.

A primeira sala hipostila do Templo Grande (Grande *Speos*) de Abu Simbel é uma grande sala rectangular (17,70 m de comprimento x 16,50 m de largura x 10 m de altura) que se apoia em oito pilares de

10 m de altura cada um, quatro de cada lado da álea central da sala. Três das faces de cada um dos pilares estão decorados com imagens dos grandes deuses do panteão egípcio da época da construção (Renenutet, Rettauí, Ísis, Min, Ptah, Amon-Ré, Sobek-Ré, Montu, Merimutef, Hathor, Hórus de Buhen, Hórus de Meha, Hórus de Miam, Hórus de Baki, Tot, Onuris-Chu, Ré-Horakhti, Khnum, Anúbis, etc.) e com cenas de oferendas de Ramsés II (fumigações e libações, apresentação de alimentos, bebidas e flores). As faces voltadas para a álea central da sala, têm estátuas do deus Osíris, de pé, sob os traços de Ramsés II ou, se quisermos, de Ramsés II mumiforme (corpos com 7 m e soclo com 0,55 m de altura). Os quatro colossos da esquerda de quem entra no templo usam a *hedjet*, a coroa branca do Alto Egipto, com *uraeus*, enquanto os da direita a *pa-sekhemti* ou coroa dupla também com a serpente *uraeus*. Todos têm barbas postiças, saiotas *chendjit* e os braços cruzados sobre o peito, segurando nas mãos os ceptros *nekhakha* (nas mãos esquerdas) e *hekat* (nas mãos direitas)<sup>71</sup>.

segura os inimigos vencidos pelo cabelo (Cf. R. B. PARTRIDGE, *Fighting pharaohs. Weapons and Warfare in Ancient Egypt*, Manchester: Peartree Publishing, 2002, 5).

69 - Cf. W. J. MURNANE, *United with eternity*, p. 21; J. C. SALES, «The smiting of the enemies scenes in the mortuary temple of Ramses III at Medinet Habu», p. 104.

70 - Durante o período de ocupação copta, foi neste pátio que se erigiu a Sagrada Igreja que, logicamente, acabou por destruir muitos dos detalhes do período faraónico, nomeadamente nas colunas osíriacas do rei de que só um par, incompleto, sobreviveu (Cf. W. J. MURNANE, *United with eternity*, p. 26).

71 - Cf. J. C. SALES, «Recuperação do património arquitectónico: o caso de Abu Simbel», p. 55; G. GOYON, «La technique de construction du grand temple d'Abou Simbel», *CdE* 84, Bruxelles: 1967, p. 272, M. PETERS-DES-

Estátuas similares surgem também no templo funerário de Ramsés II, o Ramesseum, na margem ocidental do Nilo, em Luxor (XIX dinastia). Flanqueando a este e a oeste o que era o segundo pátio ao ar livre deste templo, representam também Osíris, o deus dos mortos, uniforme, de braços cruzados sobre o peito, segurando nas suas mãos os típicos ceptros. Estas colunas osíriacas são extremamente «didáticas» sobre a tipologia em causa, ao mostrarem, por um lado, de forma perfeitamente evidente, as várias secções de composição da estátua e, por outro, as áreas de união da estátua com o pilar dorsal. O mesmo tipo é observável no pátio do templo de Ramsés III em Karnak (XX dinastia): dezasseis colunas osíriacas, oito do lado ocidental e outras oito do lado oriental.

Ao contrário de outras colunas mais reservadas para espaços de luz difusa ou de penumbra e obscuridade, como as salas hipostilas, as colunas osíriacas podem estar expostas à forte luz solar. Estando acometidas a zonas mais luminosas, os colossos do faraó osirificado proclamam a renovação perpétua do poder real.

Quanto às **colunas básicas ou besiformes**, alguns autores tem uma certa relutância em considerar os blocos em que surge representado o deus Bés, génio popular doméstico, protector das mulheres e das crianças, como fazendo tecnicamente parte da coluna sobre as quais são colocados. Consideram, antes, que são parte da decoração externa do templo. Por exemplo, Richard Wilkinson escreve a propósito. «Exceptuando alguns pilares de corpo inteiro que apresentam a imagem do deus Bés, a designação básiformes ou colunas básicas é realmente imprópria. Quando a imagem do deus Bés é colocada nos ábacos sobre os capitéis das colunas, como nos da romana casa do nascimento de Dendera, essas imagens são tecnicamente parte da decoração exterior do templo e não parte intrínseca dos tipos básicos de colunas sobre os quais são colocados»<sup>72</sup>.

Pessoalmente não concordamos com esta visão e, tal como acontece com as colunas hathóricas ou sistroformes, consideramos que os blocos cúbicos com relevos de Bés, quais amuletos difundindo eficácia mágica, a exemplo dos rostos de Hathor e da caixa-santuário que encima a sua cabeça, são um tipo particular e característico de coluna representando divindades ou os seus atributos, funcionando como elementos de suporte das arquitraves dos monumentos em que se encontram, nomeadamente no *mammisi* ptolomaico de Edfu e no *mammisi* romano de Dendera<sup>73</sup>. É, por isso, que

---

TÉRACT, *Abou Simbel, à la gloire de Ramsès*, pp. 171, 202, 203. A historiografia francesa de início do século XX gostava particularmente de usar a expressão «temple-caverne» para se referir aos tipos de templos egípcios escavados na rocha, como os *speos* de Meha e Ibchek, em Abu Simbel, ao norte da segunda catarata, na longínqua Núbia egípcia.

72 - R. H. WILKINSON, *The complete temples of Ancient Egypt*, p. 67.

73 - O *mammisi* de Edfu, onde se celebrava o nascimento do deus-menino Harsomtus, filho de Hórus e de Hathor, em egípcio Horsemataui, «Hórus que une as Duas Terras», foi edificado no reinado de Ptolomeu IX Soter II. O *mammisi* romano de Dendera foi edificado e decorado por Augusto, Trajano e Marco Aurélio e era dedicado ao deus Ihy (filho de Hathor e de Hórus). Nestes dois *mammisi* encontramos, portanto, as colunas básicas, enquanto no *mammisi* do templo de Ísis, em Filae/Aguilkia, se usaram as colunas hathóricas (Cf. H. KOCKELMANN, «Mammisi (Birth House)», pp. 1-8; A. BADAUWY, «The architectural symbolism of the mammisi-chapels



As colunas básicas do *mammisi* do templo de Hórus, em Edfu.

consideramos as colunas básicas ou besiformes entre os principais tipos de colunas egípcias.

Como fomos aludindo ao longo deste texto, entre a parte superior das colunas e as arquitraves era frequente colocar-se um ábaco, ou seja, um bloco destinado ao suporte das pesadas arquitraves. Todos os tipos de colunas recorreram a este expediente técnico. Frequentemente, a parte visível dos ábacos era decorada com cartelas horizontais. Nas colunas hathóricas e básicas, esta função é desempenhada pelos blocos cúbicos colocados acima dos capitéis que são, em regra, mais altos e volumosos do que os «normais» ábacos usados noutras colunatas.

---

in Egypt», pp. 78-89). É admitido que os blocos colocados acima das 14 colunas compósitas (cinco por quatro) do maior quiosque egípcio, o quiosque de Trajano (15,4m x 20,7m x 15,45m de altura), em Filae/Aguilkia, que funcionou como estação das barcas de Ísis e dos deuses de Filae, seriam possivelmente decorados com sistros ou com figuras de Bés (Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, p. 25).

## Observações finais

Os tipos de colunas acima mencionados não esgotam todos os tipos utilizados no antigo Egito. Há também colunas proto-dóricas ou colunas poligonais de fustes com estrias verticais, por vezes caneladas (ex.: na capela do deus Anúbis, no templo funerário de Hatchepsut, em Deir el-Bahari), ou em forma de «poste de tenda» ou coluna *ad*, usada em contextos precisos, como o da celebração do festival Sed, imitando suportes de madeira de edículas leves (ex.: no *akh-menu* de Tutmés II, em Karnak<sup>74</sup>), mas são casos pouco comuns, menos característicos, por isso, como elementos de suporte da arquitectura religiosa egípcia.

Um outro elemento que destacámos foi a coexistência num mesmo local de vários tipos de colunas, sem que isso resulte extravagante ou desconfortável. Antes pelo contrário, a «colaboração» de vários tipos de colunas e os «jogos de luz e sombra» que alimentam contribuem para agradáveis conjuntos arquitectónicos e até, nalguns casos, para uma especial delimitação dos espaços sagrados. Tal feito é particularmente visível nos templos greco-romanos do Egito. A coluna egípcia favorece as funções técnicas necessárias à durabilidade das soluções arquitectónicas pretendidas e, simultaneamente, garante a necessária coerência simbólica dos espaços sagrados construídos.

Embora hoje, na maior parte dos casos, desprovidas das cores originais com que foram pintadas, as colunas egípcias ganhavam suplementar importância e distinção nos complexos templários justamente pela presença de uma intensa, viva e potente coloração. As cores usadas, bem como a decoração inscrita, reforçavam os elos simbólicos que detinham, quer na relação com o mundo floral ou vegetal, quer com a esfera sobrenatural, divina.

O fundamento da arquitectura religiosa egípcia foi a demanda intencional de traduzir na pedra a harmonia de um microcosmos ideal adaptado à(s) presença(s) divina(s) a que é dedicada. Essa procura era acompanhada também de um planeado equilíbrio das formas, para que um templo fosse, sob todos os aspectos, um lugar perfeito, um lugar de perfeição e da perfeição. As colunas egípcias, reproduzindo o mundo vegetal ou aludindo directamente a figuras divinas, são, neste aspecto, uma peça fundamental nesse desenho mítico-simbólico.

---

74 - A coluna *ad* distingue-se por ter uma base mais estreita que o topo.